

*Fui ao supermercado comprar metáforas
O caixa desconcertou-se
quando não tive dinheiro para pagar
Levei assim mesmo
Foi roubo?*

Entrei na escola para aprender a ler. Tinha já seis anos. Até então vivia num sítio com pintinhos, patinhos, porquinhos da Índia, coelhos. Praticamente um sítio do pica-pau amarelo. Entre cuidar de um animal e outro, lia revistas em quadrinhos. Já identificava algumas palavras e entendia que aqueles balõezinhos representavam o diálogo. Assim a minha ideia de linguagem já era, como não poderia deixar de ser, visual. Eram a Mônica e o Cebolinha os amigos que batiam papo comigo enquanto eu lanchava pão na chapa e café com leite.

Mas então veio, tardiamente para os dias de hoje, o colégio, prédio enorme e encantado onde as professoras pareciam ter algo de muito interessante para contar. Aquele casarão antigo de Petrópolis, em estilo colonial, prometia nada menos que mágica. As paredes rosas falavam e sua fala ecoava pelos corrimões gelados de madeira.

No entanto, o grande arrebatamento aconteceu num cantinho tímido da sala, uma quina apenas, simplório cenário montado para a alfabetização. Penduraram lá, num varal que poderia ser o de uma festa junina, as primeiras palavras como vovô e uva. Vovô ainda não sabia mas, encadernado em plástico e pendurado por um pregador de roupa, estava prestes a ver a uva.

“Deus, para Descartes, era um supremo engenheiro. Seu pai também era engenheiro, assim como seu primeiro namorado. Uma certa admiração pelo universo algébrico. Viria a ser boa em matemática, mas assim que aprendeu a escrever e viu vovô e uva penduradas num varal mágico de palavras, entendeu que fazia parte do mundo das paixões, aquele

onde Descartes dizia serem as ideias muito confusas e obscuras. Ser linguagem é diferente de ser luz e, afinal de contas, apesar de todos os esforços, a existência não se dissolve quando não se tem palavras para contê-la. Segue-se então tentando, por não menos tempo do que toda a vida.”

Mais de trinta anos depois de presenciar o flerte do vovô com a uva escrevi o parágrafo acima, trecho do meu primeiro romance, uma novela filosófica. Volto à ele porque só agora entendo o que escrevi. Dizer que ser linguagem é diferente de ser luz, frase que surgiu pronta e, alfabetizada apenas pela intuição, pulou para o monitor, me pareceu estranho. Sabia que fazia algum sentido em algum canto da minha precária existência, mas não saberia defendê-la, o que aliás não faria a menor diferença.

Agora, curiosamente, pareço ter as cartões de palavras mais perto das mãos. Olho pra eles, e eles não me remetem a outra coisa que não a minha própria imaginação. O meu vovô, certamente, era diferente de todos os outros da sala. A minha uva também não tinha o mesmo gosto da uva do colega ao lado. Paulo Freire diria ser esse um problema de contextualização, mas a questão é mais velha ainda; data da fundação mesmo do mundo moderno, quando o homem, num golpe científico, foi apartado do seu mundo, aquele estranho lugar controlado por microscópios. A partir de então, durma-se com essa, atribuir qualquer verdade a esse lugar seria confundir o que é da ordem do humano a justamente o que *não é* humano. Vovô e uva, como qualquer outro agrupamento de sílabas, passaram a ficar do lado de fora da casa, longe do alcance de mãos infantis e adultas. Foi assim que a turma da alfabetização combinou entender mais ou menos a mesma coisa em relação às palavras, mas isso foi só para não decepcionar as professoras e comprometer o pique tá do recreio.

Ser linguagem é diferente de ser luz. Luz ilumina, mostra, dá a ver. Não faz sombra. Faz nascer. Uma mulher, ao parir seu filho, dá a ele a possibilidade de ver através da luz, aquela que vai incomodar seus olhos e

fazê-lo chorar – o artista, dirá Nietzsche, é aquele que mergulha no caos e retorna com os olhos vermelhos. A partir do nascimento o mundo estará ao alcance dos estímulos nervosos, o que vai parecer muito, mas estamos falando apenas de aparências. Frente a tanto as palavras – fonemas e vocábulos jogados no espaço – seguem apenas pelos corrimões, cuidando para não despencarem escada abaixo. E só quando elas despencam é que as paredes falam de verdade.

“*Até as metáforas tem limites*”, também escrevi nesse livro, mais uma vez me apoiando numa suspeita que parecia coerente, mas pouco inteligível naquele momento. Estava, no exercício da escrita, batendo de frente e de cara com a linguagem conceitual, esta por onde circulam metáforas desgastadas. Um tanto desesperada com a falta de recursos, a bocarra não teve alternativa e gritou:

Aguda bocarra

A bocarra arreganhou os dentes

Rançou-os até fazer um som agudo assim fininho ziiiiim

Estilhaçaram-se os caninos

Racharam-se os molares

Gemeu a gengiva

Desdentada e seca, a bocarra murchou

Espremeu os lábios

Engoliu a língua

E, ó, se matou.

Só que mesmo depois de morta a bocarra continuou seu romance. Pôs-se a mastigar metáforas gastas e sem sal. Terminado o livro, sentiu-se saciada e morta de novo, mas logo depois a fome voltou e, ao que parece, o buraco no estômago é coisa dos vivos.

Passei então a chamar essa fome de filosofia e enveredei pelos segredos e mentiras de Nietzsche, pela moralidade que já não pode ser descolada da verdade. No meio disso, me deparei na memória com parágrafos assim:

“Estava finalmente entregue ao acaso, ao caos, ao cosmos. Talvez fosse uma decisão precipitada, mas suspeitava que pensava melhor quando não pensava. Talvez fosse loucura se guiar pelo sensível, mas de certa forma viciara-se no tal frio na espinha. Viveria a pão, água e adrenalina e, como um louco cara a cara com uma pantera, analisaria a fera ao invés de fugir. Sentiria o bafo quente do animal no lugar de dar nas canelas. Se sobreviveria ou seria comida viva por ela era assunto para depois. Depois do que vinha depois da aula.”

Esse é o meu livro. Mas também é de certa forma Nietzsche, dizendo do homem dependurado sobre as costas de um tigre (fera), indiferente ao seu não saber, condição que a personagem do livro, num urro corajoso, resolve ultrapassar.

A diferença, aqui, além do gênero literário e da óbvia discrepância entre uma obra e outra (eu nem precisaria lembrar, mas vai longe aqui, é claro, qualquer intenção risível de me comparar a qualquer filósofo), é que os dois textos, respeitadas as devidas e evidentes proporções, parecem ter sido visitados por uma espécie de intuição do caos. Uma certa turbulência no cérebro que, desavisada, produz algumas ideias que podem até não ser entendidas de imediato por quem as teve. Ou, melhor, por quem as hospedou. Fundo musical da linguagem, se me derem essa licença. Teia iluminada, saia de pesca cintilante, rede de proteção do funâmbulo. Ela estava lá. O que não quer dizer que podia ser vista.

“O que é uma palavra? A reprodução de um estímulo nervoso em sons. Mas deduzir do estímulo nervoso uma causa fora de nós já é o resultado de uma aplicação falsa e injustificada do princípio da razão”

Nietzsche

É mais grave ainda pensar a metáfora. Lembro bem da primeira vez em que estudei, para a prova de português, as figuras de linguagem. Encantei-me com as metonímias e tive a nítida sensação de estar lidando com ficção em estado bruto (mais tarde, também teria a mesma impressão ao ver a tabela periódica). Talvez as minhas prateleiras estivessem mal fornidas, talvez não. Talvez eu tenha tido, sem perceber, a suspeita do que lembra o filósofo: de que a linguagem, em si, já é uma metáfora. A própria verdade, adequação entre a proposição e a coisa, é atividade metafórica. É curioso que a linguagem, tendo uma natureza tão diferente das coisas do mundo, tenha sido autorizada tão naturalmente a falar das mesmas. Pra isso ela, a linguagem, herdeira da metafísica, suprime as diferenças e busca a unidade. Fazendo isso, ela fixa. Imprime cartões plastificados e os pendura num varal, o que as crianças acham muito divertido – mesmo que não acreditem na proposta.

Até as palavras fenda, vazio e angústia têm significados diferentes em países diferentes. Nesses casos, quando fica difícil jogar para debaixo do tapete o incômodo fato de que a verdade não é a certeza da representação, só a poesia salva. Não há como garantir a comunicação plena dentro da formalidade, dentro do quadrado onde o diferente está sempre fora. Onde o “fora”, aliás, está sempre inacessível, condição implacável da modernidade. O homem que hoje se serve de metáforas todos os dias também é um ser trágico, mesmo que opte por não sabê-lo: depara-se, diariamente também, com a finitude, a impotência frente ao destino, a morte, o tempo e o ocaso. A tragédia grega, lembra o filósofo, sempre foi mais sensível à dimensão cruel e aterradora da existência. Só a arte e a beleza parecem tornar esse mundo mais suportável. Já as metáforas, com suas tempestades em copos d’água, não costumam ajudar muito.

No entanto, ai de nós, é sobre elas que construímos nossas fundações, indiferentes ao fato de que o mundo é indiferente a nós. E assim equilibramos sem parar castelos de metáforas, torres altas de papel que desmoronam ao primeiro sopro, e, pasmem, causam espanto mesmo assim. Nosso cimento é de barro, nossos santos são de bytes e, se bobear, nossas próteses existenciais são de silicone. Mas, que se tente aqui dizer a verdade, ninguém parece estar muito preocupado com isso.

“O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas e, que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam o seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas.”

Nietzsche

Eis nesse ponto o muro final adiantado acima pelo filósofo: a verdade, encomendada pela moral, é uma ilusão criada pela linguagem. Sua fôrma é a mesma da metáfora, e não está à venda nos supermercados. Fato é que, por mais que a escola seja a primeira na fila a promover essa concordância, não há correspondência entre as palavras e as coisas, entre o mundo e a linguagem. O estatuto da linguagem, lembra o filósofo, é poético.

Não é à toa que a poesia tenha se tornado tão abstrata para nós. Ninguém disse que o poder das palavras era o de explicar as coisas. Mas, ao que parece, a moda pegou. A poesia então deixou de fazer parte da vida, esse intervalo estranho do qual o mundo é visto a partir de uma perspectiva onde tudo – tu-do – já está medido. O compasso é soberano e não há nada fora da régua.

Para espiar além das margens do papel, será preciso apertar os olhos vermelhos.

Sem reino

*O pátio está vazio e os súditos mortos
Reino sozinha
Preso na torre
olho pra baixo
Não vejo tranças nem crocodilos nem alçapões
Apenas minhas pegadas aflitas
desaparecendo como poeira no vento
Isso é porque finjo que vou mas fico
Digo que fico e vou
Cadê as bruxas dentro das mulheres brochas
perguntaria Piva
Onde o rock'n'roll?
Morreram todos na batalha moderna
onde o novo é rei
a falta, farinha branca que engorda
e o sonho, produto ou qualquer coisa vendável
a dez prestações sem juros no Visa
Esconjuro então o meu reino
Mando os soldados para casa
Vão beijar suas mulheres, digo
Vão olhar suas crianças, grito
Eles me olham incrédulos
intraduzíveis
e perguntam entre si
Quem é essa mulher louca
Desviando o olhar se respondem
Deixa ela aí na janela
Deve estar variando
Devia era pegar numa panela
Olha lá que cara amarela, deve estar doente
Olha mais não, irmão
Deixa ela
Uma hora ela cansa, vai doer o cotovelo murcho
E vai largar da janela
Eu, hein, murmuram
E deixam ela*

Referências bibliográficas:

Nietzsche, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. SP: Companhia das Letras, 2007.

----- *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*. 1876.